



Alfred Hitchcock. Fonte: <http://www.ftrc.com/>

Rede de influências: As bases linguísticas do suspense no cinema contemporâneo

Caio de Marco¹

Graduando do curso de Cinema e Audiovisual da UFPEL

Resumo: O presente artigo traça um paralelo entre as contribuições mais marcantes das principais escolas de cinema e como o diretor Alfred Hitchcock se tornou um ponto de convergência, e posterior redistribuição desse conhecimento, influenciando a visibilidade da linguagem fílmica contemporânea.

Palavras-chave: rede de influências, suspense e gramática fílmica

“Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.
(LAVOISIER, 1773, Lei da conservação das massas).

Foi a partir da observação dessa citação, e posterior apreciação de sua significância filosófica intrínseca, que o presente artigo foi estruturado, com o objetivo de entender como os elementos básicos que compõem a natureza do cinema se transformaram ao longo da história, dando origem ao que entendemos hoje como cinema contemporâneo.

Para alguns, a vida imita a arte, enquanto outros insistem, categoricamente, que é a arte que imita a vida. Mas o que se pode tirar disso é que essa discussão é irrelevante. A vida e a arte sempre trocaram influências, isso é um processo cíclico. E é dessa troca constante que essa arte se alimenta, é a energia que a impulsiona, que a faz evoluir. Essa troca pode-se dar tanto em um curto espaço de tempo, quanto entre realizadores separados por mais de um sé-

¹ kaio.demarco@gmail.com

culo. Assim como pode se dar entre propostas diferentes de fazer cinema, como uma com intenções mais mercadológicas, e outra representante de um extremo oposto, com pretensões mais artísticas.

ESCOLAS - ESTABELECENDO REFERÊNCIAS

Logo no começo se tratava de uma simples ferramenta de entretenimento. Com o passar do tempo, o cinema foi conquistando um grande espaço. Se em meados de 1890 ainda era compreendido como uma simples caixa mágica, foi no início do século XX que alguns entusiastas norte-americanos percebem nele mais do que um brinquedo divertido: vislumbram uma predisposição artística ali. Foi o caso de Edwin Porter e D.W. Griffith (este último fortemente influenciado pela estrutura narrativa contida na literatura de Charles Dickens) que ao entenderem a potencialidade narrativa do cinema, conseguiram assimilar um padrão a visualidade dessa nova arte, ao introduzir a câmera dentro da história, em detrimento da antiga postura de espectador teatral, imóvel. Essa nova forma ofereceu novas possibilidades de enquadramento e de movimentação, que junto com o advento do uso do corte, e conseqüentemente da montagem, permitiram a fragmentação do tempo, e posterior reestruturação deste, seja de maneira linear ou por intermédio de uma edição alternada (paralela), a fim de manipular a narrativa da história.

Foi embasado nesse mesmo entendimento de reestruturação temporal, que experimentalistas russos como Vertov, Eisenstein e Pudovkin aperfeiçoaram o conhecimento de montagem, até o ponto em que praticamente não difere do que se tem no cinema contemporâneo, quase um século depois. Primeiro, com teorias aparentemente simples (por exemplo, o efeito *Kuleshov*), porém inovadoras no que tange a história da significação visual do cinema. E depois, com estudos acerca da estruturação essencial da montagem, estabelecendo relações que vão desde a métrica dos planos e sua influência no ritmo dos filmes, até a inserção metafórica de significado intelectual quando da justaposição de planos específicos.

Mas antes de encadear esses planos, era preciso estruturá-los. E foi no âmbito da visualidade que entrou a contribuição da escola

expressionista alemã. Sua estilização visual que vai desde a cenografia, até a maneira toda particular de iluminar (dotada de alto contraste entre luz e sombra), injeta dramaticidade no assunto, agregando a este uma intensidade visual ímpar.

Mais adiante, em um período pós Segunda Guerra Mundial, entra a contribuição da escola neo-realista italiana, de diretores como Rossellini e De Sica, que aproxima ainda mais o público ao cinema quando traz para a tela grande a realidade social e econômica da época, praticamente livre de deturpações estilísticas, com uma estrutura visual simples e de baixo custo, disposta quase como uma testemunha documental. Simples também era a mecânica dessas produções italianas, assim como eram as da França no período da *Nouvelle Vague*, que mesmo com o pouco aporte financeiro que tinha, conseguiu fazer da câmera a sua arma na luta contra as inconsistências do sistema, principalmente do viés mais mercadológico desse cinema. Era a arte sendo usada novamente para contestar e transgredir. Nessa nova onda, vieram mestres como Godard e Truffaut.

HITCHCOCK - ESTABELECENDO CONVERGÊNCIA

Foi Truffaut quem ajudou a estreitar os laços entre o cinema de autor e a vertente mais comercial da arte fílmica, ao entender e disseminar a contribuição artística do diretor Alfred Hitchcock. Assim, o cinema acabou encontrando um ponto de convergência na figura do “mestre do suspense” que, de certa forma, condensou todas as teorias desenvolvidas até então, aperfeiçoando algumas e concebendo outras, para posteriormente redimensionar a difusão desse conhecimento em escala global.

Hitchcock entendia a imagem como a essência da linguagem cinematográfica, o que se torna compreensível quando associado ao fato de o diretor ter suas bases sedimentadas ainda na época do cinema mudo. Dessa maneira, aprendeu a estruturar visualmente seus filmes da forma que fossem o mais comunicativo possível, creditando à palavra um sentido mais complementar. Ele respeitava a posição do espectador, trabalhando os enquadramentos, a iluminação, os movimentos de câmera e a montagem, a fim de

extrair a máxima significância de cada cena, para assim poder provocar as sensações mais extremas nesse espectador.

O que de fato conferiu status de mestre ao diretor, não foi apenas sua astúcia no domínio de uma fórmula de gênero, mas sim o trânsito livre que desfrutava ao atender tanto as demandas da crítica, quanto as do público espectador. Poucos diretores conseguiram ser tão autorais e comerciais ao mesmo tempo. E é por isso que Hitchcock continua sendo uma grande referência na formação de novos cineastas.

ESTABELECENDO INFLUÊNCIAS

De certo modo, cada nova geração pode ser entendida como o produto da soma de influências, que vão desde essa complexa rede de referências, até a maneira como a experimentação pessoal de cada artista responde ao contexto histórico-social em que vive. Com isso, surgem novos olhares que fazem uso da gramática fílmica para desenvolver novas aplicações para essa linguagem, que apesar de reinterpretarem as ferramentas de comunicação visual, ainda devem algo aos antigos mestres, em maior ou menor grau.

Por exemplo, a rede de influências do suspense, que remete tanto às teorias de montagem dos russos, quanto à maneira estrutural paralela e convergente utilizada pelos norte-americanos. Esse gênero, ainda tem sua maior intensidade visual na diferenciação entre a maneira clássica de iluminar (3 pontos) e a dramaticidade contrastante da transição entre a luz e a sombra dos expressionistas alemães. Todos esses artifícios foram assimilados e potencializados por Hitchcock, tornando sua filmografia uma grande compilação dos preceitos linguísticos básicos da sétima arte.

Foram muitos os diretores que, de alguma maneira, beberam dessa fonte. Entre eles, figuras que assimilaram em seus filmes a própria essência do suspense, como Kenneth Branagh e Martin Scorsese, ou aqueles que literalmente se fizeram valer da mesma fórmula, praticamente copiando-a, como Gus Van Sant, no seu remake de *Psicose* (*Psycho*, 1998), ou em menor grau por figuras como M. Night Shyamalan, em *O Sexto sentido* (*The sixth sense*, 1999), e Steven Spielberg tanto em *Encurralado* (*Duel*, 1972), quanto em

Tubarão (*Jaws*, 1975), além de Roman Polanski em *Busca frenética* (*Frantic*, 1988) e Brian De Palma em *Vestida para matar* (*Dressed to Kill*, 1980). Ainda tem aqueles como Claude Chabrol, John Carpenter, George A. Romero e até David Cronenberg que compartilham da mesma metafísica do mal, muito característica do gênero. E como já fora citado anteriormente, o diretor francês Truffaut.

Esses são apenas alguns dentre os incontáveis diretores influenciados por essa rede, uma amostragem restrita basicamente ao gênero mais representativo da carreira do diretor Alfred Hitchcock, que foi o ponto de convergência escolhido em função da representatividade estilística (linguagem visual) do diretor, dentro da história do cinema.

REDE DE INFLUÊNCIAS - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Arte. Cinema. Arte cinematográfica. Simples palavras que, quando justapostas adquirem um sentido cultural incomensurável, logo, de difícil atribuição de valor. Assim como é difícil precisar a origem dessa arte audiovisual, também seria irrelevante a tentativa de hierarquizar seus personagens e seus principais movimentos e escolas de cinema, até por que a sua grande contribuição não se encontra nessa instância individual, e sim no nível de sua capacidade colaborativa, referenciada no texto como rede de influências. Afinal, a sua predisposição cumulativa, no sentido evolutivo, é comparável apenas a sua penetração comunicativa.

REFERÊNCIAS

BAYS, Jeffrey Michael. **Film Techniques of Alfred Hitchcock**. Disponível em: <<http://www.borgus.com/hitch/>> Acesso em: 04 de agosto 2013.

BLOCK, Bruce. **A Narrativa Visual**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

BROWN, Blain. **Cinematografia - Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A Linguagem Secreta do Cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

KAGANSKI, Serge. **DNA hitchcockiano**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il0304201108.htm>> Acesso em: 10 de agosto 2013.

KEMP, Philip. **Tudo sobre cinema**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

SCORSESE, Martin. **The Persisting Vision: Reading the Language of Cinema**. Disponível em: <<http://www.nybooks.com/articles/archives/2013/aug/15/persisting-vision-reading-language-cinema/?pagination=false>> Acesso em: 02 de agosto 2013.

TRUFFAUT, François. **Hitchcock-Truffaut**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

BUSCA FRENÉTICA. Roman Polanski. EUA; França, 1988, filme 35mm.

O ENCOURAÇADO POTEMKIN. Serguei Eisenstein. União Soviética, 1925, filme 35mm.

ENCURRALADO. Steven Spielberg. EUA, 1972, filme 35mm.

INTOLERÂNCIA. David W. Griffith. EUA, 1916, filme 35mm.

PSICOSE. Alfred Hitchcock. EUA, 1960, filme 35mm.

O SEXTO SENTIDO. M. Night Shyamalan. EUA, 1999, filme 35mm.

A SOMBRA DE UMA DÚVIDA. Alfred Hitchcock. EUA, 1943, filme 35mm.

TUBARÃO. Steven Spielberg. EUA, 1975, filme 35mm.

UM CORPO QUE CAI. Alfred Hitchcock. EUA, 1958, filme 35mm.

O VAMPIRO DE DUSSELDORF. Fritz Lang. Alemanha, 1931, filme 35mm.

VESTIDA PARA MATAR. Brian De Palma. EUA, 1980, filme 35mm.